

Alma, *psique* e consciência: o problema da alma na Psicologia.

João Lucas Santos de Oliveira

Tommy Akira Goto

Universidade Federal de Uberlândia

joaolucasoliveira@ufu.br; tommy@ufu.br

Resumo

A Psicologia surgiu como uma disciplina filosófica grega e metafísica, designada como o estudo racional da alma. A crescente *prosperity* do Positivismo que empregou a pesquisa experimental contribuiu para dificultar a continuidade de um saber racional da alma, sendo substituído pelo ideal naturalista-objetivo. Uma das contribuições na recuperação da Psicologia como um saber racional vem da Fenomenologia que elaborou seu próprio método de investigação que objetiva chegar à essência das coisas, principalmente da alma. Diante deste processo, o presente trabalho pretende retomar as concepções históricas de alma tanto para as culturas religiosas quanto para psicologia, ciências e filosofia, a fim de buscar uma abordagem qualitativa racional, científica, retomando o *Leitmotiv* histórico da Psicologia e seu objeto de estudo. Para isso o método utilizado será à pesquisa exploratório-bibliográfica, que consiste em uma série de procedimentos como identificação, compilação e análise bibliográfico-teórico.

Palavras chave: Psique; Alma; Fenomenologia; problema mente-corpo.

Abstract

The Psychology that arise in a philosophical greek and metaphysics subject. Was designated like a rational study of the soul. The increasing *prosperity* of positivism who used the experimental reasearch contributed to hinder the continuity of a rational soul knowledge, been replaced by naturalism-objective ideal. One of the contributions in recover of Psychology like a rational knowledge, comes by Phenomenology that elaborated your own method in investigation that objective to reach the essence of things, mainly in soul. Against this process, this article intend to resume the historical cenceptions of soul both to religious cultures and psychology, science and philosophy, with the purpose to get an qualitative rational, scientifically, resuming the histocal *Leitimov* of Psychology and your study objective. However the method used will be bibliographic exploratory research, it consist in a series of procedure like identifiction, compilation and bibliographic-theoretical analyzes.

Key words: Pyche, Soul, Phenomenology, mind-body problem.

INTRODUÇÃO:

Partindo das análises e dificuldades na definição conceitual de alma (*psyché*, *anima*) no Ocidente, que historicamente teve seu sentido esquecido ou mesmo deturpado no meio científico positivista e, conseqüentemente na comunidade de psicólogos; é possível identificar o distanciamento e a refutação da alma por parte da Psicologia científica. Em contrapartida, manter os estudos da alma implicam vários problemas epistemológicos já discutidos antes por outros filósofos e cientistas, como por exemplo, John B. Watson e John Searly, no *problema mente-corpo*, outro problema fundamental no desenvolvimento do tema, e pela incapacidade do método das ciências naturais se aplicarem nas ciências humanas (Giorgi, 1978).

A Psicologia como disciplina surgiu como uma área do conhecimento da alma na filosofia antiga grega. E mesmo assim, ainda hoje podem ser encontrados vestígios de temas e conceitos sobre a alma direta e indiretamente na ciência psicológica, principalmente as concepções de filósofos, como: Platão, Plotino, Agostinho, Tomas de Aquino, Boehme, Descartes, Espinoza, Hegel, Husserl, Stein, dentre outros; filósofos que dentre outras coisas estudaram a alma, corpo e o espírito. Uma ciência que deveria estudar, e até reproduzir um significado distinto dos termos psíquicos e anímicos.

No entanto, em 1879 a Psicologia se desenvolverá enquanto ciência com a fundação do primeiro laboratório de Psicologia Experimental em Leipzig na Alemanha, criado e dirigido por W. Wundt (Farr ; Álvaro e Garrido, 2001, 2007). Contudo, 20 anos antes da fundação do laboratório de Wundt, o filósofo e psicologista W. Dilthey já trabalhava com a concepção de que a “ciências do espírito” (*Geisteswissenschaft*) lidavam com fenômenos internos de realidade do espírito (subjetividade), enquanto que as ciências naturais (*Naturwissenschaft*) passaram a usar a simbologia algébrica-matemática para criar leis sobre os fenômenos naturais (Giorgi, 1978).

Posteriormente influenciada por fisiologistas, pelo modelo de Universidade moderna e com seu inovador método de pesquisa experimental, Wundt desenvolveu um modo experimental de estudar os fenômenos psicológicos, dividindo a nova ciência psicológica em uma parte *Naturwissenschaft* e outra *Geisteswissenschaften*, respectivamente correspondente a ciência natural e ciências humanas (Farr ; Álvaro e Garrido, 2001, 2007). Os psicólogos interessados em estudar a alma passam a seguir a tendência ao estudo físico da *Psyche* (*psicofísico*), levando a um esquecimento do desenvolvimento epistemológico do psiquismo gerado pela filosofia. Wundt, por

exemplo, encontrou duas definições para Psicologia que, segundo ele, foram proeminentes na história da ciência, assim, a Psicologia seria a “ciência da mente”, em que os processos psíquicos são considerados fenômenos possíveis de inferir uma subjacente natureza metafísica; enquanto que na outra concepção, a Psicologia seria a “ciência da experiência interior”, e os processos psíquicos são pertencentes a uma específica forma de experiência que pode ser conhecida através da introspecção ou das “sensações interiores” (Wundt, 1896, p. 4-14).

Na continuidade da Psicologia científica surge uma das concepções que terá maior influência na constituição dessa ciência que virá com o Comportamentalismo, escola de psicologia americana, que postulará por meio de John Watson, fundador do comportamentalismo, a existência de uma psicologia sem o fator da consciência (mente, alma), como o próprio afirma:

Isso me conduz ao ponto em que desejo apresentar uma discussão produtiva. Acredito que podemos escrever uma psicologia (...) e (...) nunca empregar os termos consciência, estados mentais, mente, conteúdo introspectivo verificável, imagens e assim por diante. Acredito que dentro de poucos anos podemos fazê-lo, sem cair na absurda terminologia de Beer, Bethe, Von Uexküll, Nuel, e de modo geral, da chamada escola objetiva. Isso pode ser feito através de estímulo resposta, através da formação de hábito, integração de hábito, e assim por diante. (Watson, 1913, p. 634)

Os comportamentalistas concluirão a respeito da mente que, esta não seria um conceito definível e nem utilizável pela ciência, sendo meramente apenas uma substituição para a palavra alma de tempos antigos, e tudo que se pode estudar são os fenômenos comportamentais observáveis (Skinner, 1970). Observa-se assim que com a constituição do comportamentalismo a alma foi deixada ao esquecimento dessa ciência.

É importante salientar que houve escolas que se dedicaram a compreensão do psiquismo enquanto alma, e que por vezes foram esquecidas na história. Giorgi (1978) cita como importantes escolas: a “Psicologia compreensiva” de W. Dilthey que já diferenciava o método das ciências naturais e das ciências humanas, antes mesmo da fundação da psicologia; a “Psicologia empírica” de F. Brentano, filósofo e psicologista

empírico, mas não experimental que estudou a consciência como intencionalidade; E. Spranger, continuador da Dilthey e que desenvolveu uma Psicologia da compreensão que seria aquela que ocorre uma captação significativa sobre um ato complexo; W. Stern que criou uma psicologia que ele chamou de “personalismo”, que consiste basicamente em estudar as estruturas internas da personalidade; William McDougall responsável pelo chamado “Behaviorismo intencional”, psicologia que não considerava os comportamentos como reflexos, pois não atendia a uma série de características intencionais e, portanto não deveria ser pensada de forma psicofísica, a atividade mental seria uma espécie de energia não reconhecida pela física; e por fim, a Psicologia fenomenológica de Edmund Husserl e Edith Stein que postulam a noção de consciência enquanto fenômeno e alma enquanto impulso psíquico e sua relação com o espírito.

O que se conclui com essa breve apresentação e que se pode observar é que as bases da Psicologia científica foram constituídas desde os primórdios da filosofia com as reflexões e análises desenvolvidas no psicologismo, que trabalhavam principalmente com a alma (*psyché, anima*). No entanto, nas passagens dos séculos XVIII e XIX, principalmente com a *prosperity* do Positivismo e do modelo de Universidade Moderna, a concepção de alma – que era o objeto de estudo da Psicologia desde a antiguidade – foi se disseminando, convergindo mais para os estudos psicofísicos, em que se pode dizer que encontrara sua maior expressão na escola de psicologia americana.

Neste sentido, o intuito dessa pesquisa é analisar o porquê dessa divergência entre a origem da Psicologia como estudo da alma e a falta desse conceito nos estudos psicofísicos, tarefa a qual este trabalho pretende se dedicar.

1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA:

1.1. História e conceito de alma.

O conceito de alma passou por inúmeras definições que sofreram influências claramente da cultura e época as quais seu pensamento pertencia, destaca-se que a cultura indiana já possuía termos que faziam referências claras para o entendimento de alma que se constituirá posteriormente, como a palavra *mana* (Vanzago, 2009). As civilizações ocidentais que vão dar origem a concepção clássica de alma serão a hebraica e a grega, sendo ambas influenciadas fortemente por sua cultura. Assim, diferenciando que para os hebreus a alma virá de elementos religiosos como o sopro

divino, *nephesh*, e a concepção grega estará pautada no âmbito filosófico que se encontrara em amplo desenvolvimento metafísico por consagrados teóricos como Heráclito, Sócrates, Platão e Aristóteles, onde o termo utilizado para a compreensão de um fenômeno de origem da alma será *psyché*, que aqui primeiramente não será entendida necessariamente como substância independente do corpo (concepção que irá mudar com Platão). Posteriormente livros importantes hebraicos serão traduzidos para o grego (Septuaginta) assim como obras gregas serão traduzidas para o hebraico resultando nessa forma em uma compreensão que será comumente conhecida (Vanzago, 2009).

Na idade medieval se teve o desenvolvimento filosófico dessas várias vertentes do conhecimento onde se ressalta as concepções de Platão sobre um dualismo de substância entre corpo e alma em postulação da existência de um mundo sensível e inteligível, e de Aristóteles que negara esse dualismo de Platão. Contudo, os medievais incluíram a relação da alma com o divino, considerando então uma estrutura de alma tripartida em potencia-ato-privação, concebendo a distinção de uma alma vegetativa para alimentação e reprodução, alma sensível para capacidade de imaginação e percepção também presente nos animais, e a alma racional ao qual é referida como de difícil conceituação, característica apenas dos humanos (Vanzago, 2009). Com a hegemonia do cristianismo na concepção da alma passou-se a se figurar com essencial importância na questão da vida após a morte, e na patrística, em especial São Tomás de Aquino, que irá utilizar os conceitos filosóficos respectivamente de Platão e Aristóteles transformando-os em base para uma filosofia cristã.

No período compreendido pelo humanismo e renascimento, ocorre à volta ao estudo e leitura de textos gregos, com uma incessante busca pela razão, e por este motivo se funda críticas relacionadas à moral cristã e principalmente a filosofia escolástica e patrística. É cabível dizer que neste período as manifestações culturais e artísticas da humanidade vão ganhar lugar de destaque na cultura, que aliada a essa visão crítica conceberá o homem como centro das coisas, ao mesmo tempo em que se iniciam as concepções de ciência com Nicolau Copérnico, afirmando a teoria do heliocentrismo e Galileu Galilei como primeiro astrofísico. Neste contexto, a alma ganha uma visão próxima de um objetivismo, aliado a isto surgem concepções neoplatonistas, onde haverá definições de alma que se mesclam com caracteres críticos e racionalistas e concepções religiosas do cristianismo (Vanzago, 2009).

1.2 Fenomenologia e alma.

Compreendendo estas questões, chega-se nas concepções da Fenomenologia, escola filosófica que surgiu na Alemanha entre o fim do século 19 e o século 20, concebida pelo matemático e filósofo Edmund Husserl. A Fenomenologia que se dedica aos estudos dos fenômenos, tendo por base de fenômeno aquilo que se mostra ao humano (Ales Bello, 2006), ira contribuir para o desenvolvimento e compreensão do objeto de estudo da psicologia enquanto ciência, principalmente no entendimento de alma e espírito. A Fenomenologia, segundo Lima et al. (2014) pode ser entendida como um método de busca as essências, que tem como objeto os fenômenos enquanto são coisas que se manifestam, ou se mostram, para Husserl o fenômeno é a consciência de algo, uma consciência de um fluxo temporal de vivencias dotada de intencionalidade. A busca as essências pode ser entendida como um caminho de se chegar “as próprias coisas”, lema que o filosofo levou para seu método.

As vivencias se apresentam como fator de grande importância na Fenomenologia, justamente, pois nelas apresenta-se a consciência, que por sua vez e sempre consciência de algo dotado de intencionalidade, entretanto como bem expõe Ales Bello (2016, p.39) não se deve confundir e generalizar todos os atos manifestos no homem como de caráter psíquico, a fenomenologia distinguira as estruturas humanas quanto vivências corpóreas, psíquicas e espirituais. A alma então será compreendida nessas duas partes, onde impulsos psíquicos são aqueles responsáveis por atos psíquicos desejáveis ou não, enquanto que o espírito estará ligado a parte de reflexão, avaliação e decisão.

2. METÓDO

A metodologia utilizada será a pesquisa exploratória bibliográfica, que segundo Medeiros (2005,p.50) “consiste num procedimento formal para a aquisição de conhecimento sobre a realidade. Exige pensamento reflexivo e tratamento científico”. A pesquisa bibliográfica se constitui nas seguintes etapas: identificação, levantando os materiais já escritos em bibliotecas, sites, revistas científicas, em seguida localização das obras e autores específicos que possuem contribuição ao tema pesquisado, compilação dos matérias desejados encontrados, análise e interpretação e por ultimo redação. Lima e Miotto (2007), descreve sobre a pesquisa bibliográfica:

[...] ao passo que a pesquisa bibliográfica em conjunto ordenado de procedimentos de busca por soluções, atento ao objeto de estudo, e que, por isso, não pode ser aleatório.(Lima, Miotto, 2007,p.02)

Tratando-se de uma pesquisa qualitativa, os objetos de estudo se constituem necessariamente dentro de uma visão histórica de sujeito, que não é neutra, carregando características ideológicas que podem ser intrínsecas ou extrínsecas (Lima, Miotto, 2007). Considerando todos estes pressupostos o embasamento teórico se torna necessário para sustentar estas perspectivas da pesquisa qualitativa, que já abordado anteriormente, a base teórica para a condução dessa pesquisa será a fenomenologia, uma perspectiva metodológica do campo da filosofia.

Importante ressaltar que a Fenomenologia possui seu próprio método científico, que busca chegar até as coisas mesmas, ou seja, suas essências. Para a Fenomenologia, nos estamos impregnados de juízes e pré-noções das coisas, atitude denominada de natural pelos fenomenólogos e que, portanto vê se necessária uma suspensão dessas crenças e valores, Husserl dará o nome desse procedimento de *epoché*, o segundo momento seria o de voltar às coisas mesmas, de entrar em contato com a essência dos fenômenos, conhecido por *redução eidética*, o último momento será o de passagem de uma atitude natural para uma subjetividade transcendental, que será o ego puro em contato com os fenômenos, chamado de *redução transcendental* (Goto, 2008).

Determina-se assim que a metodologia desta pesquisa se pautara no âmbito conceitual e epistemológico da pesquisa bibliográfica das diversas abordagens científicas e correntes filosóficas, que possuem relação com a psicologia, buscando compreender essas ciências em sua relação com o termo alma.

REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS

Farr, R.M. **A emergência da psicologia como ciência natural e social na Alemanha: As raízes da psicologia social moderna**, Petrópolis, RJ: Vozes, 2008

Giorgi, A. **Psicologia como ciência humana: Uma abordagem de base fenomenológica**, Belo Horizonte, MG: Interlivros, 1978

Vazango, L. **Breve Historia da Alma**, Bologna, Itália: Loyola, 2009

Lima, A.B.; Guimarães.; C.B, França, J. L.; Santos, S.L.**Ensaio sobre Fenomenologia: Husserl, Heidegger e Merleau-Ponty**, Ilhéus, BA: Editus, 2009

Ales Bello, A. **Introdução a Fenomenologia**, Bauru, SP: EDUSC, 2006

Wundt, W. **Outlines of Psychology**, Leipzig, German: 1896

Keller, F. **Definição da Psicologia: Uma introdução aos sistemas psicológicos**, São Paulo, SP: Editora Herder, 1970

Moraes, M.A & Goto.; T.A, **As contribuições da fenomenologia de Edith Stein para o problema mente-e-corpo: Apontamentos para a psicologia**, Uberlândia, MG.

Goto, T.A. **Introdução a Psicologia Fenomenológica: a nova psicologia de Edmund Husserl**, São Paulo, SP: PAULUS, 2008

Medeiros, J.B, **Redação Científica: A Prática de Fichamentos, Resumos, Resenhas**, São Paulo, SP: EDITORA ATLAS, 2005

Lima, T.C.S.&Miotto, R.C.T. **Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica**, Florianópolis, PA: Rev. Katál, 2007

Gadamer, H. G. **Hegel – Husserl – Heidegger**, Petrópolis, RJ: Vozes, 2012

Braga, T. B. M. **Atenção Psicológica e Cenários Sociais: Ação Clínicas, Instituições e Políticas Públicas na Promoção de Cidadania**, Curitiba, PR: Juruá, 2013

Ladeira-Fernandez, J. & Castro, F. S. **Alma, Mente e Cérebro na Pré-história e nas Primeiras Civilizações Humanas**, Rio de Janeiro, RJ: Psicologia: Reflexão e Crítica, 2010

Serbena, C. A & Raffaelli, R. **Psicologia como Disciplina Científica e o Discurso Sobre a Alma: Problemas Epistemológicos e Ideológicos**, Maringá, PR: Psicologia em Estudo, 2003

Herrnstein, R. J. & Boring, E. G. **Textos Básicos da História da Psicologia**, São Paulo, SP: Editora Herder, 1971

